



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

A farsa de Trump

Sem a mentira, personagens do naipe de Donald Trump não sobrevivem. Depois de uma série de decisões para implodir o sistema de comércio internacional, construído em grande parte pelos Estados Unidos, Trump dirige as baterias para o Brasil, aplicando uma taxa de 50% nas exportações brasileiras, sob o pretexto de defender os direitos humanos e a evitar uma suposta caça às bruxas. Suposta porque

os personagens que tenta defender são golpistas que produziram (e produzem) constantes provas contra si mesmos, em forma de vídeos, postagens nas redes sociais e declarações em entrevistas.

A carta que Trump enviou ao Brasil está eivada de mentiras. Ao fazer um samba de fanatismos ideológicos e de alegações comerciais, Trump falta com a verdade ao afirmar que os Estados Unidos estabelecem uma relação deficitária com o Brasil. Segundo dados da série histórica do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, com início em 1997, existe um superavit de US\$ 48,21 bilhões em favor dos Estados Unidos.

São 28 anos de comércio exterior em

que Trump pretende apresentar os Estados Unidos como coitadinho explorado por todos os outros países. No entanto, os números desmentem o falastrão, demonstrando que o Brasil tem registrado déficits sucessivos desde 2009.

Sim, com certeza, foi desta maneira que se tornou o país mais rico do mundo. Na carta, Trump argumenta que a decisão de aumentar a taxa sobre o país foi tomada devido aos ataques insidiosos do Brasil contra eleições livres e à violação fundamental da liberdade de expressão. Ora, todos sabem que, na verdade, Jair Bolsonaro, o personagem defendido por Trump, foi o responsável pelas ameaças contra as eleições livres e contra a democracia.

E, depois, qual é a autoridade moral de um cidadão eleito com três processos criminais e 88 acusações na Justiça para falar sobre defesa da democracia e liberdade de expressão? Como quer que levemos a sério as patuscadas de um presidente dos Estados Unidos que domesticou o sistema de Justiça norte-americano e persegue, implacavelmente, os imigrantes, em afronta a qualquer laivo de direitos humanos?

Os Estados Unidos ainda são uma potência mundial, do ponto de vista econômico, mas já em estado de decadência política, moral e espiritual. A própria eleição de Trump é um sintoma dessa situação. Por isso, sob o slogan Make American great again, Trump arremete contra

tudo e contra todos de maneira arbitrária, ilegítima e desestabilizadora.

Ele é um risco até mesmo aos negócios, que precisam de alguma estabilidade e confiança para prosperar. Como confiar na palavra de quem rasga os tratados internacionais a todo momento? Enquanto ele abandonou o Tratado de Paris, o Texas sofre com tempestades terríveis que já mataram mais de 120 pessoas e provocaram o desaparecimento de 60.

A intromissão de Trump em questões da Justiça brasileira é um ataque inaceitável à soberania nacional. Apenas os viralatas mais fanáticos e submissos ganem de humildade e aplaudem a uma decisão que só traz prejuízos.

MÚSICA

Odair José apresentou, ontem, o show *Clássicos* para um Teatro dos Bancários lotado. Em entrevista ao **Correio**, o cantor e compositor falou sobre como suas canções ainda emocionam o público, independentemente da geração



O cantor e compositor antes da passagem de som: simpatia atemporal



Odair construiu uma viagem no tempo para espectadores de todas as idades

O legado de uma lenda

» PEDRO IBARRA

Popular entre fãs de todas as idades, Odair José apresentou, na noite de ontem, o show *Clássicos*, para um Teatro dos Bancários lotado, em Brasília. De forma acústica, entoou os principais sucessos da carreira para um público apaixonado, na 39ª edição do ArteFato, iniciativa cultural que traz shows para a capital.

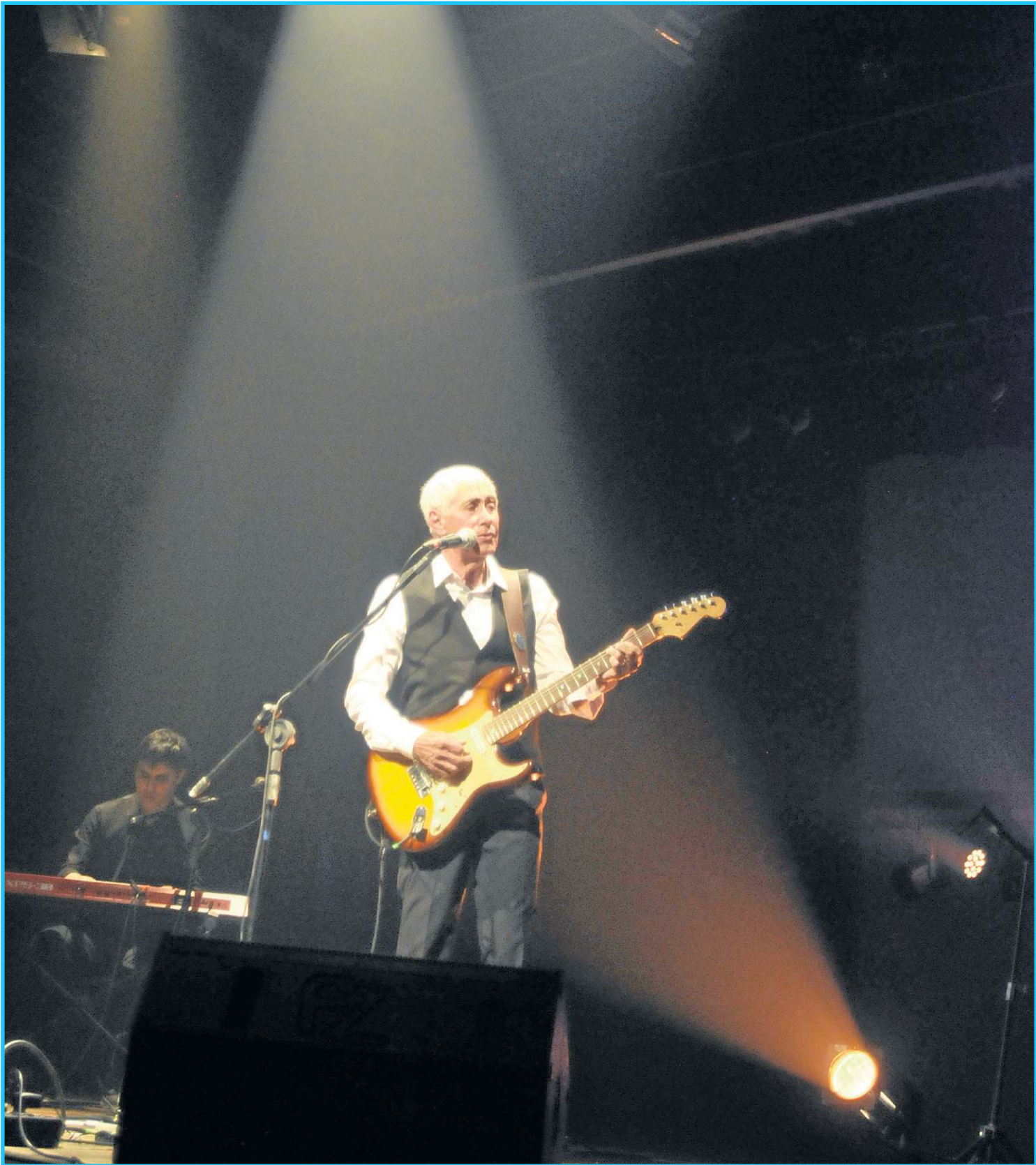
A apresentação dos hits da carreira do músico, que durou pouco mais de 55 anos, mostrou o legado da trajetória de Odair José. São 40 discos que começaram a ser lançados quando ele era um jovem, mas permanecem com canções amadas até hoje. Do primeiro ao último disco, Odair construiu uma viagem no tempo para os espectadores.

O músico é uma dessas figuras que mostram que o mundo mudou, mas que o que toca o público é atemporal. Com canções sobre as próprias vivências, ele parece alcançar o ouvinte, independentemente da geração. Seja sob a alcunha de “Bob Dylan da Central do Brasil” ou em adjetivos como brega, ele continua relevante.

“O ser humano se repete muito em emoções e tudo. Então, não é muito difícil ter feito uma música há 50 anos e ela permanecer importante até hoje. Basta ela ser relevante para as pessoas”, avaliou Odair José em entrevista durante a passagem de som. “Fico frustrado quando faço uma música e percebo que ela pode ser passageira”, afirmou.

O artista conta que pensa muito todas as músicas antes de gravá-las e, ainda na cabeça, consegue perceber qual composição será perene para ele e para o público. “Na hora em que faço a canção, percebo quando ela tem uma força”, disse Odair, que classifica os seus 40 álbuns em: “20 muito bons e outros 20 que davam para melhorar”.

Mesmo crítico do próprio tra-



Minervino Junior/CB/D.A. Press



Aponte a câmera e assista a um vídeo de Odair José

balho, ele entende que o que fez está marcado na história e nos sentimentos das pessoas que o acompanham. “*Vou tirar você desse lugar*” já tem 53 anos tocando as pessoas e tenho certeza de que vai durar muito mais que eu”, refletiu o artista. “Estava conversando com um amigo que deixou a bonita frase: o importante não é o que você leva, é o que você deixa”, cravou Odair.

O compositor enxerga que a melhor maneira de as pessoas o conhecerem e se lembrarem dele é por meio das músicas. “Quero que se lembrem dos temas que levantei. Batalho por igualdade social, para colocar pautas que fazem as pessoas pensarem e conversarem sobre coisas que não querem, têm medos e preconceitos”, destacou. “Eu sou contra qualquer tipo de preconceito. Quero que as pessoas se lembrem de um Odair José que lutou pela igualdade dos humanos como um todo”, relatou.

Sobretudo, Odair José quer ser lembrado pelo trabalho que teve para ser um cantor popular. “Fazer música para todo mundo é muito mais difícil do que fazer para poucos. O simples é complicado de ser feito”, avaliou. “Faço música para todas as pessoas.”

Essa popularidade se reverteu em um show lotado em Brasília e Odair agradeceu ao público que o acompanha desde o início da carreira. “Tenho uma música que diz: ‘a felicidade não existe, o que existem são momentos felizes’ e quero retribuir esse carinho da cidade com um momento feliz”, enfatizou o cantor, que sabe que o momento feliz dele sempre será estar no palco.